



**ÀS ORIGENS DOS ESCRAVIZADOS BANTU DE ÁFRICA CENTRAL  
DEPORTADOS ÀS AMERICAS DOS SECULOS-XVI-XIX**

**SAMBA TOMBA JUSTES AXEL\***

**Resumo:** O comércio transatlântico, que durou quatro séculos (séculos XVI-XIX), atividade comercial que deixou a **África Preta** na cauda das civilizações para o benefício das Américas, contou com a participação muito ativa da **África Central**. Do século XVI ao século XIX, os principais portos dos escravizados da África Central como o porto de **Mpinda** (província do **Soyo** -Estado **Kongo**), primeiro e mais antigo porto de exportação dos escravizados, no Golfo da Guiné, o porto de **Luanda**, **Benguela**, **Loango**, **Kabinda**, **Malemba** exportaram milhares dos escravizados **Bantu** para as plantações das Américas através dos navios portugueses, holandeses, franceses e ingleses. Por isto deve ser adicionado o principal comércio português, que começou em 1468, no qual escravizados africanos foram exportados para a Madeira, Lisboa, sul da Espanha, cuja África Central teve uma ligação vital nesse tráfico com a participação do porto dos escravizados de **Bulambemba** (país **Kongo**), localizado em uma ilha no rio Congo. Ao todo, cerca de **13.250.000 milhões Bantu-Kongo**, foram exportados para as Américas, de acordo com análises de conjecturas do historiador **RINCHON (KABOLO IKO, 2004:138)**, seja cerca **50% do total do comércio negreiro**. A maioria absoluta dos escravizados **Bantu** teve uma influência crescente cultural (língua, cultura), que deu à luz a um importante património cultural, tais como: **Samba**, **Capoeira (Brasil)**, **o palenqueiro (Colômbia)** e muitos outros aspectos que vamos estudar em breve.

Palavras-chave: África Central, Bantu, Reino-Kongo, M'banza-Kongo, Encomiendas.



\*SAMBA TOMBA JUSTES AXEL é graduado em História da Universidade de Brazzaville( República do Congo) e aluno em Graduação em Antropologia(UFF).

## INTRODUÇÃO:

O Tráfico Atlântico exclusivamente lucrativo, legitimado e / ou permitido por clérigos e políticos, prática introduzida pela primeira vez pelos portugueses na África Central, vai conhecer um desenvolvimento rápido dessa parte do Golfo da Guiné. Desenvolvido depois de mais dum quarto de século (1482-1530) de contato oficial entre a Europa e a África Central, especificamente entre o poderoso e majestoso **Kongo** e o Reino de **Portugal**, procedimentos para a captura dos escravizados **Bantu** em maciça, causando guerras, e o sistema do "poignage" (engano de curiosidade de visita de navios no Oceano) foram inteligentemente concebidos, sistematizados e aplicados na **África Central**, através os reinos **Kongo, Ndongo (Angola), Matamba, Loango, Kakongo, ngoyo, Teke** e outros países da sub-região. A **África Central**, que foi uma das principais regiões fornecedoras dos escravizados, conheceu um terremoto demográfico, por causa da deportação dos muitos braços válidos em favor das Américas a partir do século XVI ao século XIX. Além disso, deve-se dizer que os escravizados **Bantu** eram praticamente primeiros escravizados na maioria dos países da América que eram as colônias espanholas, portuguesas, britânicas, porque a **África Central** começou cedo o Tráfico Transatlântico com os primeiros europeus negreiros, no caso de África Central, eram portugueses que eram pioneiros do **Asiento**. E também por causa que a África Central teve muitos portos principais ativos frequentados por todas as potências negreiras da época. Escravizados **Bantu** foram predominantes em toda a América, porque a África Central tão estratégica como era, teve as ilhas portuguesas de **São Tomé e Príncipe**, que foram a primeira experiência bem sucedida da escravidão portuguesa ao longo do Golfo da Guiné. Esses **Bantu** chegaram ao outro lado do Atlântico Sul, que com cadeias da escravidão, trouxeram seus conhecimentos tradicionais que eram preservados e perpetuados de geração em geração, e legou à América um patrimônio cultural diversificado.

### O início do comercio negreiro no reino Kongo



“Um povo que não conhece ou ignorante de sua história, é como um homem sem memórias, condenado a lutar com os mesmos problemas, para reinventar as mesmas técnicas, para fazer os mesmos erros e sempre privado das belas alegrias” (COMMAGER, 1950:11). Isso quer dizer que as pessoas devem entender seu passado para evitar a repetição, para tirar lições dos erros do passado, para que eles desenvolvam ou evoluem no tempo e espaço para um bom futuro, isso é o caso da história do Tráfico Transatlântico na **África Central**, que deportou milhares dos **Bantu** nas plantações e minas das Américas.

Com efeito, após as grandes expedições portuguesas iniciadas pelo herdeiro da Ordem de Cristo, o Infante **Dom Henrique** em 1420 que queria explorar a costa Africana para além do Atlântico e as cruzadas contra o Islã e da sua falha de ocupação da ilha de Ceuta, os portugueses e seus navios chegaram na África Central em suas explorações combinadas com a busca de uma rota direta para a Índia e a busca de ouro, o marfim, e dos escravizados. Então eram nessas circunstâncias que os navegadores portugueses **Fernão do Póo** e **Lopes Gonçalves** atingiram as ilhas de **Formosa** e no **Gabão** em 1472 e 1473 respectivamente.

E depois, em janeiro de 1482, sempre com as mesmas motivações do que seus antecessores, o navegador português **Diego Cão**, comerciante e Escudeiro do rei de Portugal **Dom João II** chegou a foz do rio Congo, no porto natural de **Mpinda**. Sendo este último, um dos grandes portos do poderoso reino do **Kongo**, serviu como um caminho para **Diego Cão** e seus companheiros para encontrar esse reino, um Estado próspero bem estruturado no coração da África Central, como muitas sociedades políticas africanas da meia idade; o país chamado **Kongo** foi o mais organizado da **África Preta**, geograficamente organizado em unidades administrativas, lideradas por chefes de clãs e terra que eram reconhecidos por um governo central com sede em **M'banza-Kongo**, a capital do país (**Batsîkamaba Mampuya ma Ndâwla**,1999:35). Foi um conjunto de entidades federadas que representaram cada uma, a autoridade de uma autoridade central. Foi o início das relações igualitárias entre o Kongo e o Portugal. É no reconhecimento da grandeza desse reino, que o etnólogo alemão disse em seu livro: “**Os primeiros navegadores portugueses chegaram no Kongo, encontraram**



**uma população dos homens e mulheres vestidos de seda, Estados bem ordenados até nos detalhes e indústrias opulentas. O Kongo é civilizado até a medula dos ossos” (FROBENUIS, 1936:101).**

Já nos séculos XV e XVI, o único Estado **Kongo** influenciava toda área entre o Benguela, o planalto Bateke e o mar além do Rio Cuango. Por volta de 1500, a fronteira do próprio Estado foi além do rio **Kongo** para se estender na margem direita até a confluência do rio Inkisi em locais que se estenderam além do rio. Ele incluía a bacia do Inkisi e todas as terras sul para loge (**VANSINA e OBENGA, 1999:275**).

Deve ser dito que o Portugal foi atraindo originalmente em **África Preta** por seu Ouro, que ele viu em Ceuta que era o ponto de cruzamentos das caravanas árabes de África em 1415, que, no entanto, foi previamente exportado nos países islâmicos. No entanto, nesses contatos com a África Preta, os portugueses descobriram um segundo “produto” mais atraente para os europeus que eram: escravizados; que também foram exportados durante séculos do Sudão e os atuais países fortemente islamizados de África Ocidental para a Arábia Saudita.

Os portugueses beneficiaram dessa experiência árabe para exportar em primeiro lugar de milhares dos africanos para Lisboa, ilhas portuguesas na África e para o sul da Espanha a partir de meados do século XV ao início do século XVI (1441-1509), especialmente quando a coroa portuguesa promulgou o “**Asiento português**” em 1468, e a África Central também fazia parte nesse primeiro tráfico “criminoso” tipicamente português com a participação do porto de **BULAMBEMBA**, essa ilha que ficava na foz do rio Congo, que foi um porto movimentado. Os filhos da **África Central** Atlântica, capturados como escravizados por comerciantes portugueses foram enviados para **Portugal, Madeira, Açores, São Tomé e Príncipe** para trabalhar nas plantações de cana de açúcar e nos serviços domésticos na segunda metade do século XV. Isso aconteceu cerca de algumas décadas antes que o Reino do **Kongo** entre em contato direto com Portugal, e antes que **Gorée** tornou-se um pequeno porto dos escravizados da África Ocidental. **Preciso dizer que eu uso o termo “pequeno porto” do Gorée, não é para minimizar o seu papel na ação do tráfico dos escravizados, mas sim em relação à comparação que eu faço dos portos dos escravizados de Bulambemba**



**Mpinda de África Central que desempenharam um papel de liderança nesse tipo de comércio.**

O comércio dos escravizados na **África Central**, oficialmente (oficialmente no sentido de visível e não legalizado) só começou depois de 1500, quando os portugueses já se estabeleceram nas ilhas de **São Tomé e Príncipe** há alguns anos. Essas ilhas precisavam do mais do trabalho escrava para suas plantações cana-açúcar; As ilhas também serviram como um entreposto dos escravizados destinados para as Américas (MALOWIST, 1999:10)

Depois de 19 anos (1482-1500) de penetração portuguesa, a cooperação igualitária entre o **Kongo** e o **Portugal** quebrou-se, as relações declinaram entre os dois Estados, por causa da má vontade dos comerciantes portugueses que procuraram a mão de obra servil para as plantações de cana açúcar da Europa e das ilhas Atlânticas Africanas. O Início oficial do comércio dos escravizados no Reino **Kongo** falado em cima foi no ano de **1501**. Este ano marcando o nascimento do comércio dos escravizados na África Central, especificamente **Kongo**, é confirmado por **Georges Balandier**, historiador francês e professor emérito, no seu livro: “**A vida diaria no Reino Kongo dos séculos XVI ao XVIII**”, Paris, edição Hachette, 1965.

Forte da sua experiência da escravidão, os portugueses transformaram a África Central incluindo o Reino **Kongo**, seus vassallos e territórios e outros países da **África Central**, em uma “mina dos escravizados” **Bantu** ou tanque dos braços válidos para exportação para a América no início dos séculos XVI e XIX passando por **São Tomé e Príncipe** para plantações de cana açúcar e minas de ouro de meados do século XVI.

Em 1510, o rei de Aragão (Norte atual da Espanha) **Fernando II “o Católico”** faz um acordo com comerciantes portugueses que se instalaram nas ilhas de **São Tomé e Príncipe** para fornecer 200 escravizados por ano nas colônias espanholas da América.

Assim, no mesmo ano de **1510**, na África Central em geral e no **Estado Kongo** em particular, o tráfico era melhor organizado com incursões genuínas na capital e nas províncias, ao mesmo tempo, os missionários cônegos ativos no tráfico, aceleraram a evangelização com uma taxa de **2.000 batismos por semana**, de acordo com **Balandier** em seu livro acima citado.



Em **1518**, o Rei de Espanha, soberano cristão **Carlos I** (Carlos V de Hamburgo) promulgou o **Asiento Do negro**, esse direito oficial ou autorização que deu aos comerciantes portugueses para fornecer ou vender os escravizados africanos Pretos nas colônias espanholas nas Américas.

Em **1520**, o tráfico atingiu um pico no Reino **Kongo**, a tal ponto que mesmo membros do clã real e aliados passaram como muitos outros cidadãos **Kongo** (**Kongo** é usado como povo de várias etnias).

Lembra-se que se o ano de **1520** marcou o pico do tráfico transatlântico no reino **Kongo**, não foi um fato por acaso, mas foi um fato que era uma consequência de uma causa: a recusa de **Mani Kongo Nzinga Mvemba Affonso I** aos comerciantes portugueses para explorar o solo de seus ancestrais. Os portugueses acreditavam que tiveram lá minas de ouro e de prata (**IKO KABWITA**,2004: 67). Isto é para vingar essa negação do desafio do soberano **Kongo**, que os portugueses fizeram um tráfico intenso dos escravizados, deportando filhos e filhas **Kongo** incluindo os dos seus vassalos para as ilhas de **São Tomé e Príncipe**, antes de ser embarcados para colônias **hispano-luso americanas** para as plantações de cana-açúcar.

Essas ilhas inabitadas antes a uma descoberta portuguesa, foram povoadas pelos escravizados **Bantu-Kongo**. Essa marca do povoamento reflete os grupos étnicos atuais em **São Tomé e Príncipe** como **Angolares**; estes são os únicos africanos nascidos e criados no arquipélago, que vieram de **Angola e Kongo**, em seguida, os **Forros**, que são os descendentes dos escravizados libertos africanos. O governador de então desse arquipélago **Fernão MELLO**, beneficiou da coroa de Portugal, o direito da sucessão hereditária para o cargo. **Fernão de Mello** foi o pior inimigo do **Mani Kongo Nzinga Mvemba**, apesar dos esforços deste último, para lutar contra o tráfico e a regulamentação das atividades até na mesma abolição no **Kongo** feita para esse rei em 1526 (**VANSINA e OBENGA**, 1999:276). Do mesmo, todos os seus sucessores como: **Nkanga Mvemba Pedro I (1543)**, **MPUDI Nzinga Francisco I (1544-1545)**, **MPUDI Nkumbi Diego I (1545-1561)** lutaram contra a mesma causa desumana, o comércio de carne humana. **O governador de São Tomé e Príncipe desenvolveu um tráfico clandestino dos escravizados Kongo nas fronteiras norte e sul do poderoso reino**



**Kongo, foi o momento do tráfico Benim acabou por causa da falta dos escravizados. A partir do ano de 1540, Reino Kongo exportava acerca de 20.000 escravizados (ILIFFE, 2007:25).**

O **Mani Kongo Nzinga Mvemba Affonso** escreveu mesmo uma carta em 1526, ao rei **Dom Manuel I** de Portugal para denunciar os atos desumanos dos comerciantes e missionários portugueses. O soberano de Portugal respondeu-lhe que o **Kongo** não teve nada para vender do que os homens, e o papa **Leão X** até dizer ao filho do rei **Kongo LUKENI LUA Nzinga Dom Henrique**, enviado como embaixador do **Kongo** na Santa Sé, que o tráfico era uma missão civilizadora e evangelizadora.

Esta carta que despertou o descontentamento dos missionários e mercadores portugueses dos escravizados que trabalharam em **Kongo**, levou-os para cometer um tentativa do assassinato do **Mani Kongo Nzinga Mvemba** em março 1539, o dia da Páscoa, que escapou por pouco e dois notáveis morreram.

Ao longo do século XVI, Lisboa tornou-se o principal mercado de venda dos escravizados na Europa, fornecendo escravizados tanto na Europa e nas Américas.

Naquele momento, o porto natural de **Mpinda**, localizado na parte norte da província do **Soyo do reino Kongo**, foi o principal porto de exportação dos escravizados na **África Central**. **Mpinda**, que viu o primeiro embarque europeu na África Central foi o porto mais antigo dos escravizados no Golfo de Guiné, pois o porto de El Mina, primeiro porto do golfo de Guiné comercializado por portugueses; porto que ficava na atual Gana não serviu no início como porto dos escravizados mas como porto das minas, daí seu ‘‘ El Mina’’.

Até **1540**, a exportação conhecida no **Kongo** foi de **4.000 a 5.000** escravizados por ano até **6000 a 7000** escravizados (VANSINA e OBENGA,1999: 277). Em seguida, eles venderam na África Central **10.000 a 20.000 Bantu** (MATINGOUT, 2011:1) anualmente por **Mpinda**, precisa adicionar a esse número, os **5000 a 10000** escravizados **Bantu** que sucumbiram, como resultado de vítimas colaterais (MATINGOUT, 2011:1). O único ano de 1778, **104.000 Africanos** escravizados deles foram exportados, um terço foram de **Angola e do Kongo** (LIBOTTE,2010:1). **O Kongo na sua grandeza continuou a ser o mais importante fornecedor dos escravizados no comércio português na África. Os sujeitos Bakongo foram altamente solicitados no mercado.**



Do interior até a foz do Rio **Kongo**, chegaram caravanas dos cativos que armazenados nos barracões, aguardando os navios negreiros. Em 1850, mais de **50.000 Kongo** foram armazenados nos barracões na foz do rio Kongo (MATINGOUT,2011:1).

Aqui são os números fornecidos por **David ELTIS** em dezembro 2008. Ele lançou o maior banco de dados global dedicado ao comércio Atlântico dos escravizados: “**A Base de Dados do comercio Transatlântico**”, ele menciona **12.521.336 deportados Africanos** entre **1501 e 1866**.

Esta tabela mostra que a África Central foi o principal fornecedor dos escravizados em toda a África.

Regiões de embarque dos escravizados do comercio atlântico

	África central	Baia do Benin	Baia do Biafra	Costa de Ouro	Alta Guiné	Sene gambia	África de Leste	Total
Entre 1519 e 1675	<b>787,4</b> ( <b>78,0 %</b> )	35,0 (3,5 %)	94,8 (9,4 %)	51,3 (5,1 %)	2,0 (0,2 %)	34,8 (3,5 %)	3,2 (0,3 %)	1 009,0
Entre 1676 e 1800	<b>2473,8</b> ( <b>37,4 %</b> )	1453,4 (22,0 %)	963,8 (14,6 %)	922,9 (14,0 %)	367,8 (5,6 %)	349,1 (5,3 %)	75,2 (1,1 %)	6 606,0
Entre 1801 e 1867	<b>1626,4</b> ( <b>47,1 %</b> )	546,5 (15,9 %)	459,1 (13,3 %)	69,0 (2,0 %)	225,2 (6,6 %)	114,5 (3,3 %)	406,1 (11,8 %)	3 446,8
Total	<b>4 887,6</b>	2 034,9	1 517,7	1 043,2	595,5	498,4	484,5	11 061,8
Porcentagem	<b>44,18 %</b>	18,4 %	13,8 %	9,43 %	5,38 %	4,5 %	4,38 %	100 %

Números dos cativos pelos milhares

### O comercio negroiro na África Central em geral

Na África Central, o tráfico se espalhou rapidamente para o interior incluindo **Mpumbu (Pool Malebo)** com **pombieros**<sup>1</sup> como seu nome sugeriu, é o que nos disse **Iko Kabwita**. Um documento de origem portuguesa de 1529 indica que a região de



**Pool Malebo** foi um dos principais fornecedores dos escravizados através das rotas que ligaram **Mbanza-Kongo** (São Salvador) para **MPinda**. Este tornou-se plataforma de correspondência para a **África Central**. Já, deve-se dizer que, em 1500, com a descoberta do **Brasil** por o português **Cabral**, o Portugal fazia esforços para explorar sua colônia. Foi nesse contexto que, em 1532, impulsionado pelo lançamento da exploração da cana açúcar e de ouro, a necessidade de abundância de mão de obra escravizada era indispensável no **Brasil**, pois Índios foram em grande parte exterminados pelo trabalho exaustivo das minas. E também, os Índios já beneficiaram da ‘’ abolição’’ da escravatura deles da corte real espanhola graça a intervenção do bispo **Las Casas**, que pediu para dobrar o tráfico negreiro para substituir os Índios.

---

1: O nome de **Pombeiro** significa o comerciante Português. Esta designação, transcrita nos dicionários portugueses, originou a frequência regular e maciço da região **Pombo (Mpumbu)** no norte-Kongo, por traficantes portugueses: 2004, 81.

Para isso, o Portugal com a sede na África Central, cujo **Kongo**, que já exportava milhares dos **Bantu** na suas ilhas de **São Tomé e Príncipe** e na América espanhola começou a deportar milhares dos **Bantu** para norte e sul do **Brasil**, particularmente na **Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais** até o **Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Espírito Santo** para as plantações de cana açúcar e mineração em 1532.

E em suas intrigas e manobras políticas na sucessão ao trono do **Kongo** para enfraquecimento do **Kongo** de sua antiga beleza nomeadamente do governo central, afim de bem comercializar os escravizados, os portugueses apoiaram o **Mani A Ngola KILWANGU KIA SAMBA** de **Ndongo**, um vassalo do **Kongo** afim de separar lhe do governo central em 1556, quando o conflito começou entre o **Mani Kongo NKUMBI A MPUDI Dom Diogo I** e **Ngola de Ndongo**. (IKO KABWITA,2004: 67).

Foi através desse conflito que os portugueses aproveitaram para tornar-se ser mestres de **Ndongo**, impondo sua vontade, enquanto planejando a luta de sucessão para o trono de **M'banza-Kongo**.

Em 1575, foi a fundação da colônia de **Angola** por **Paulo Dias de Novais**, neto do explorador **Bartolomeu Dia**. Este já hospedou em 1562-1565;



Ele também começou o comércio dos escravizados, fazendo todo esforço para substituir a comunidade Afro-portuguesa de São Tomé e Príncipe, que morava lá. Essa comunidade deixou o mercado e foi para a corte do **Mani A Ngola**. Naquela época, a rede de **Kongo e Angola** foi perturbada pela fundação de **Luanda**; as primeiras exportações desse porto variaram entre **12.000 e 13.000 escravizados** por ano, principalmente prisioneiros de guerra (**VANSINA e OBENGA, 1999:278-280**). Após os primeiros anos, escravizados vieram de compras do interior ou no “**Pool Malebo**” ou no mercado de “**Ocanga**” no Rio **Cuango**.

O Reino do **Ndongo (Angola)**, e uma parte do **Kongo** foram os principais fornecedores da mão de obra para o trabalho escravizado no **Brasil** do fato quando o general português **Francisco GOUVEA** chegou em **M'banza-Kongo**, com a missão de extinção de **Jagas**, invasores em 1574-1575 em pleno conhecimento da verdadeira missão de **Dias de Novais**, ele passava tempo para comprar e exportar escravizados acerca de **1200 escravizados** por ano, a maioria os infratores do **Mani Ngola** justificando essa compra para fazer escapar a execução desses infratores (**IKO KABWITA, 2004:70**). E esses escravizados amplamente foram exportados para fazendas e minas do **Brasil**, tendo em conta o contexto histórico caracterizado pelo entusiasmo e o desejo claro de Portugal para fazer do **Brasil** o “**novo Eldorado**” da Lusitânia e o fato de que, como os dois territórios (o território que engloba o **Kongo-Angola e Brasil**) foram vinculados pela mesma metrópole cuja ambição para esta é:

“**Com o desenvolvimento do Brasil, o Reino Kongo, vassalos incluindo Angola, são de interesse em relação ao Portugal só para o comércio dos escravizados em favor de fazendas e minas brasileiras**” (**IKO KABWITA, 2004:70**).

Outra prova que sustenta nosso argumento da venda ativa dos Bantu para o Brasil é: quando **Dias de Novais** morreu, seu sucessor como capitão geral de **Angola**, que foi seu braço direito **Luis Serrão (1589-1591)**, tentou continuar o plano de conquista a atacar novamente **Ndongo e Matamba**, o aliado do primeiro. Sua intenção era também para capturar escravizados para mandar no **Brasil**. (**IKO KABWITA, 2004:74**). Fora disso vamos ver nas nossas próximas linhas do nosso artigo outro fato que demonstra a proximidade geográfica dos dois territórios no século XVII.



Após os portugueses se estabelecerem em território **Ndongo de Mani A Ngola** em 1575, **Luanda como já foi dito, incluindo Benguela** tornaram-se novos portos ativos no tráfico, é isso que o sambista brasileiro **Bantuista** e sua colaboradora afirmaram em seu trabalho coletivo: “**O interminável embarque Bantu começou das áreas de grassfieldiennes até ao rio Caporolo em Benguela para o Rio de Janeiro e Recife**” (LOPES e NASCIMENTO, 2014:8).

As caravanas de **Mpumbu** e do interior, mesmo, além das fronteiras dos impérios **Kuba e Lunda** e de **Benguela**, seguiram caminhos claramente traçados por tráfico comercial: o circuito começou a partir de Pool Malebo, Luanda passando por **Mbanza Mbata, Mbanza Kongo, Mbanza Kimbubuzi e Mbamba**. Outro caminho começou em Kasai e acabava em **Luanda**, pelo **Kasange, Ambaka e Massangano**. A rota de **Benguela** passando **Kakondo e Pungo a Ndongo**, enquanto duas outras rotas importantes partiram de **Mbanza Kongo para Mpinda e Ambaka**.

Os **Bantu** foram os primeiros escravizados Africanos no **Brasil**, eles precederam todos os outros negros africanos. O principal ponto estratégico da oferta de mão de obra do trabalho explorável da economia do “Vice-Reino”, foi a terra da rainha e reis **Nzinga**, e toda a área **Kongo**. Em outras palavras, milhares dos **Bantu** foram exportados a partir de **Ndongo, Matamba, Kongo, Loango, ngoyo, Kakongo**.

O mesmo sambista carioca **Nei LOPES** informa que entre **1700 e 1850**, **o 2/3 da mão de obra africana que desembarcou em Recife e Rio de Janeiro, São Paulo veio de Assumpção Luanda e São Felipe de Benguela**.

Também no mesmo ano de 1575, os portugueses em grande número, foram no **Loango** para comércio. E no o final do século XVI, tiveram rebeliões dos escravizados, cuja mais importante que teve lugar em **São Tomé** em 1574 e 1586, enfraqueceu um pouco tempo a força portuguesa na região da África Central.

Isso aconteceu-se, quando os holandeses chegaram em 1593 e desenvolveram novos centros comerciais dos escravizados em Douala e Cabo Lopez; e ao mesmo tempo, seus navios visitaram a costa do **Kongo e Angola**. Na área do **Kongo-Angola**, eles iniciaram a negociação com a província costeira de **Soyo do Kongo**. Foi em 1600 que os Países Baixos eram muitos ativos nesse comércio embora a lei espanhola que estabeleceu um



monopólio quase total português do comércio dos escravizados fazendo contratos com os espanhóis, holandeses e franceses. Os dois últimos, no entanto, para diminuir a hegemonia portuguesa na região da **África Central** no tráfico dos escravizados organizaram tentativas de invasão do porto estratégico português dos escravizados de **Mpinda**: em 1602, uma frota francesa atacou o porto de **Mpinda**. Em 1606, os holandeses tentaram estabelecer-se; Essas duas tentativas de invasão foi reprimida pelos portugueses. Em 1630, os escravizados que chegaram em Luanda veiram de **Matamba e Cassange, a capital de Kasanje**.

Em 1700, no **Kongo**, a organização de um vasto território desapareceu. A estrutura política desse território, como a de **Angola**, foi depende economicamente com o estabelecimento de rotas articuladas locais de transporte de mercadorias. **Angola** que se desenvolveu por volta de 1680, também foi enfraquecido. Nem os governadores nem a **Camará de Luanda** poderiam manter a sua ascendência sobre **quimbares ou Ovimbali** (Afro-portugueses) ou os comerciantes brasileiros. Nas zonas periféricas comerciais, os escravizados, os Estados fortaleceram-se através do crescimento comercial, que eles controlaram ou, pelo menos, manteram-se sólida para o tempo que eles controlavam. **Kasanje** tornou-se uma grande potência no rio **Cuango**, porque controlava o fluxo crescente dos escravizados após 1648.

Ao norte, o Reino **Tyo** realizou a sua grandeza, aparentemente sem grandes mudanças. A partir do século XVII, eles (**Teques**) foram intermediários com os povos de **Lunda**, no tráfico dos escravizados e em seguida, garantir o monopólio do comércio, em especial o dos escravizados, na região do Pool Malebo. Os **Tyos** ocupavam uma posição chave para o ponto de quebra de carga entre os transporte por Rio e terrestre, e isso era necessária, pois a navegação era impossível por causa de cachoeiras e corredeiras do rio Congo. Eles enriqueceram notavelmente no século XIX, graças ao “**grande comércio do Congo**” e o comércio de marfim (**MBOKOLO, 1979: 40**). Ao ponto, eles abandonaram parte das suas ocupações tradicionais: elenco ferro, fabricação de barco, etc.

Logo, os **Bobangui** contestaram o monopólio com os **Teques**; mas depois de algumas escaramuças, eles chegaram a um acordo com eles: os **Bobangui** levariam a maior parte



do tráfico, enquanto os **Batékés**, proprietários de terra, cobraram direitos de passagem. Alguns **Batékés** foram deportados para às Américas também. Em **Cuba**, houve uma **Cabildo mobague**. O historiador **Monika Schuler** deu duas evidências de sua presença na Guiana Francesa. **Schuler** disse o **Teke** foi chamado **Modongo e Yanzi**. Os **Bayanzi de Bandundu** não são ligados a esse povo **Bayanzi** das **Américas**. O Sambista **Nei LOPEZ** em seu livro citado em cima, fala de **Anjicos ou Fumungunu** no Brasil, que é o atual **Teke** na África.

Em **Angola**, o tráfico dos escravizados foi reorganizado por brasileiros, que forneceram capital, navios e produtos europeus e agiram com os organizadores das caravanas dos escravizados e Afro-portugueses. A partir daí, os brasileiros dominaram o comércio de **Angola** completamente até 1730 e em parte após. Na colônia de **Angola**, é o Contratador (administrador de contrato para comprar escravizados) que supervisionou as operações de escravizados e impostos fixos em escravizados. O último foi nomeado em 1683, **Pedro Machado de Figuerido**, de acordo com Cardozo (**RINCHON, 1999:86**).

Após a morte de **Paulo Dias de Novais**, a coroa de Portugal nomeava governadores em Angola. E foi adotado em Angola para administrar a “conquista” ou a colônia, o sistema de “**encomiendas**”, aplicados pelos espanhóis em seus novos territórios na América do Sul: cada “**Soba**” (líder indígena) estava sob a supervisão de um “**amo**”, uma espécie de “proteção”, que foi tanto um missionário jesuíta, um soldado português. O sistema gerou tanto os abusos até **Filipe III** de Espanha decidiu abolir isso em 1601, aplicando o método seguinte: os impostos teve de ser pago diretamente ao tesouro do rei. Sua tentativa de moralizar "conquista" continuou a ser ineficaz porque a partir dos anos de 1603-1623 são os próprios governadores que perpetuaram o abuso. **Luanda**, onde eles governaram, eles estavam patrocinando ataques contra os povos indígenas que não inspiravam qualquer atitude provocadora, só com o único propósito de capturar escravizados. Eles continuaram a contratar **Jagas** para ajudá-los. Estes, poderosos do apoio dos portugueses, tendo um quartel geral no leste do reino do Kongo, fundaram o pequeno reino de **Kasange**, em 1630 que eu citei em cima, que sobreviveu até a segunda metade do século XIX. Quando os **Jagas** invadiram o reino do Kongo e derrotaram um parte das forças reais **Kongo**, a corte do



Mweene Kongo (o Rei do Kongo) se refugiou nas ilhas do Baixo Congo, antes da intervenção das forças portuguesas. E naquele momento que muitos refugiados **Bantu Kongo** foram vendidos como escravizados por **Jagas** ao povo de **São Tomé e Príncipe**, de acordo com a “**História Geral da África**”, Volume V, P277.

### **O apogeu do comercio negreiro no reino Loango (séculos XVI-XIX)**

Mas no início do século XVII, os holandeses estavam em **Loango** quando **Samuel Brown** e **Pieter Van den Broecke**, os ambos escreveram notas das visitas de **Loango** (THORTON, 2004:3). Os holandeses eliminaram do **Loango** os portugueses que não estavam também muito baseados no território, desde que estavam bem estabelecidos no **Kongo e no Ndongo**. Precisa ressaltar que a Holanda já recebeu **Asiento** em **1580**, quando a Espanha anexou o Portugal (KIZERBO, 1999: 78). Em 1617, os Holandeses mantiveram esta posição forte em **Loango**, na África, cerca por 50 anos, em conjunto com Portugal. Eles também compraram escravizados no Gabão e Camarões. Esses escravizados foram vendidos em troca contra os produtores de açúcar nas ilhas de **São Tomé e Príncipe**, ou transportados no **Brasil**. A conquista holandesa de **Angola** em 1641 foi fortemente associada com as necessidades de trabalho. Embora os holandeses tivessem perdido o nordeste do Brasil e foram expulsos de **Angola** em 1648, a associação dos dois países europeus com base no comércio de escravizados continuou até o século XIX.

Milhares dos escravizados **Bantus** da África Central foram exportados também para as colônias **espanholas do Peru, Uruguai, Colômbia (norte do país na região do Caribe), Venezuela, São Domingos (Haiti), República Dominicana, Argentina, Paraguai, Bolívia, Costa Rica e muitos outros, incluindo a colônia portuguesa do Brasil** como mencionado acima. **Cuba** “engoliu” milhares dos escravizados, principalmente **Bantus** e outros.

O **Brasil** teve um acento ou status especial nesse negócio, porque muitos escravizados **Bantus** da África Central foram exportados lá, e sua relação especial com os principais portos dos escravizados de **Mpinda, Luanda, Benguela, Loango** do Golfo da Guiné. Tornando-o o único maior importador dos escravizados da África



Central no Novo Mundo por causa de suas grandes plantações de cana de açúcar e campos mineiros (VANSINA e OBENGA, 1999:310). Neste período, os Espanhóis e os Portugueses receberam uma grande parte dos escravizados do continente Africano. O tamanho da população Preta no século XVII no **Brasil** foi aumentado de **400.000 para 450.000 acompanhando o desenvolvimento das plantações de cana.**

**CONCLUSÃO:** Em suma, deve-se dizer que milhares dos **Bantu** foram despojados de suas paletós reais e de tópicos, filhos e filhas da nobreza africana, para aprovar um único tanque, este da escravidão nas Américas do século XVI até o século XIX para as plantações. Os Escravizados **Bantu** foram o grupo predominante de todos os escravizados africanos deportados para o **Brasil** e alguns países das Américas e são anteriores a todos os escravizados africanos, pois são os primeiros africanos a estar em contato com os Índios desde 1532 no Brasil e os mais numerosos na América, cerca de **75%** da população negra das Américas, por causa da proximidade e da curta duração dos navios negreiros de viagem entre as duas margens do Atlântico Sul. A hegemonia da cultura **Bantu** nas Américas, hoje se mostra através de vários eventos e expressões culturais que são marcas **Bantu** como o **samba, a capoeira no Brasil, o palenqueiro** da Colômbia cuja tradição mãe **Bantu** foi a inspiração; essa herança eu vou falar no outro artigo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATSIKAMA MAMPUYA Ma NDWALA** Raphaël. L'Ancien Royaume du Congo et les Bakongo. Paris : L'Harmattan.1999.
- COMMAGER STELL** Henri. The American Mind. Chicago: University press.1950
- DIOP-MAES** Louise Marie.Afrique Noire: Démographie, Sol et Histoire. Paris : Présence Africaine /Khepera.1996.



-**FROBENIUS** Leo. Histoire des Civilisations Africaines. Paris : Gallimard.1936.

-**ILIFFE** John. The Africans, The History of Continent. Londres : Cambridge University Press.1995.

-**KABOLO IKO KABWITA**. Le Royaume Kongo et la mission catholique 1750-1838, du déclin à l'extinction. Paris : Editions Karthala. 2004.

-**KIZERBO** Joseph. Histoire 4e(IPAM) le Monde du 17e siècle au debut du 19e siècle. Paris : Edition Edicef. 2004.

-**LIBOTTE** Oscar. Histoire du Congo, Diego Cão, Esclaves, Négriers. Bruxelas. Disponível em: [Afrique-Pauvreté-Avenir. Afrique-pauvrete-avenir.over-blog.com/](http://Afrique-Pauvreté-Avenir.Afrique-pauvrete-avenir.over-blog.com/). Acesso em: 5 março de 2015.

-**MATINGOUT** Brice. La condition Africaine ou le piège des peuples Noirs. Paris : Junho de 2011. Disponível em: [Afrique-pauvrete-avenir.over-blog.com/](http://Afrique-pauvrete-avenir.over-blog.com/). Acesso em: 5 março de 2015.

-**MAKAYA** Nerplat Rominique. Loango. La mémoire historique du Congo. In : Les Dépêches de BRAZZAVILLE N°2 /édition spéciale du samedi.2-17.

-**MBOKOLO E. e BABA KAKE I**. Resistances et Messianismes. Collection Histoire Générale de l'Afrique. Tournai : Casterman SA. V.10. 1979.

-**UNESCO**. General History of Africa V Africa from the Sixteenth to the Eighteenth Century. University of California Press: Ogot Editor.1999.

-**PETRE GRENOUILLEAU** Olivier. Les Traités négrières, essai d'histoire globale.Paris : Gallimard. 2004.

-**RINCHON**. La Traite et l'Esclavage des Congolais par les Européens. Histoire de la déportation de 13millions 250.000 Noirs en Amérique. Bruxelas: J.de Meester et fils.1929.

-**THORTON** John. Tradition, History and Royal Factionalism in the History of Loango, 1550-1800. 2004.